

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

BENEVIDES, Wagner Alves. Wagner Alves Benevides (depoimento, 2006). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 44min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Wagner Alves Benevides  
(depoimento, 2006)**

Rio de Janeiro

2019

### *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** Temática

**Entrevistador(es):** Alexandre Fortes; Marieta de Moraes Ferreira;

**Levantamento de dados:** Marieta de Moraes Ferreira;

**Pesquisa e elaboração do roteiro:** Marieta de Moraes Ferreira;

**Técnico de gravação:** Marco Dreer Buarque;

**Local:** Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

**Data:** 18/12/2006

**Duração:** 1h 44min

Arquivo digital - áudio: 2; Minidisc: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto Memórias dos fundadores do PT, através do convênio estabelecido entre o Centro Sérgio Buarque de Hollanda - Documentação e Memória Política, da Fundação Perseu Abramo, e o CPDOC, da Fundação Getulio Vargas, a partir de 01 de dezembro de 2004, com o objetivo de constituir acervo digital e de publicar um livro desses depoimentos editados.

**Temas:** Amazônia; América do Sul; Brasília; Cinema; Comando Geral dos Trabalhadores; Democracia; Ditadura; Família; Frei Betto (Carlos Alberto Libânio Christo); Governo federal; Governo Jânio Quadros (1961); Governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003 - 2010); Greves; Igreja Católica; Luís Carlos Prestes; Luiz Inácio Lula da Silva; Minas Gerais; Movimento sindical; Partido dos Trabalhadores - PT; Partidos políticos; Petrobras; Petróleo; Rio de Janeiro (cidade); Sindicalismo.

## *Sumário*

Entrevista: 18/12/2006 Origens familiares na região amazônica; a formação escolar técnica; o trabalho na Refinaria de petróleo de Manaus (REMAN); a formação na Igreja católica; a participação na criação do sindicato na REMAN; a migração para o Rio de Janeiro para trabalhar na Refinaria Duque de Caxias da Petrobrás; a criação da entidade sindical em 1961; os impactos políticos do Governo Jânio da Silva Quadros; a ideia de construir um sindicato independente; a filiação ao Pacto de Unidade e Nação (PUA) e o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT); as intervenções da ditadura militar no sindicato; a prisão de toda a diretoria do sindicato; a transferência para Minas Gerais; o controle militar do Sindicato dos Petroleiros de Minas Gerais; a participação na Juventude Operária Católica (JOC); a organização para a retomada do sindicato; a construção de um cineclube dentro do sindicato; a eleição para a diretoria do sindicato; o contato com Luiz Inácio Lula da Silva, Jacob Bittar e Paulo de Mattos Skromov; a ideia de construir um partido; a proposta de um partido de massas democrático; a construção da carta de princípios do Partido dos Trabalhadores (PT); a experiência como líder sindical; a ida à Brasília e o Movimento Pró-PT; a atuação na construção do PT em âmbito nacional; a importância de Carlos Alberto Libânio Christo (Frei Betto) para o PT; o encontro com Luís Carlos Prestes; a formação da União dos Trabalhadores do Ensino de Minas Gerais (UTE); o início do envolvimento entre os sindicatos em 1978; as greves em 1979; a indicação para a Confederação Latino-Americana (CLAT) em 1981; a expansão do trabalho sindical a nível sul-americano; a candidatura à deputado federal em 1982; o retorno à militância de base; a criação da ONG Amigos do Rio São Francisco; a atuação na Secretaria de Agricultura e Pesca no Governo Lula.

*Entrevista: 18/12/2006*

M.M. – Senhor Wagner, nós queríamos começar essa entrevista com o senhor, ouvindo um pouco a sua história, sobre a sua família, suas origens familiares, os primeiros anos da sua vida, infância, formação... O que o senhor nos conta dessa fase, dessas origens?

W.B. – A minha vida é uma coisa um pouco diferente do processo, porque eu nasci na região amazônica na primeira experiência de floresta homogênea e floresta heterogênea. Foi a primeira plantação de seringueira feita no Brasil, pela Ford, pela Goodyear, e escolheram um lugar chamado Fordlândia. E lá, meu pai fazia parte da direção da companhia, e lá que eu nasci, e lá que eu fiquei até os seis anos de idade.

M.M. – Essa cidadezinha fica onde?

W.B. – Essa cidade fica às margens do rio Tapajós, cinquenta horas de lancha subindo de Santarém. Naquela época, muito difícil. Mas lá na companhia, nesse lugar que eu nasci, essa companhia, ela foi bastante interessante porque as famílias que iam para lá, todas elas, eram aglutinadas, juntas e tinham obrigações com a empresa; trabalhavam dez horas por dia e não podia sair de lá da cidade. A cidade foi feita exatamente para dar apoio a essa plantação de seringueira que foi feita...

M.M. – E era da Goodyear.

W.B. – Da Ford, companhia Ford, e da companhia Goodyear, de pneus.

M.M. – E seu pai era de onde?

W.B. – Meu pai, ele nasceu no estado do Pará. E ele agrimensor. E agrimensor era importante nessa época, para trabalhar numa área que ia ter uma plantação de seringueiras.

M.M. – E como é que ele foi parar nesse trabalho? Como é que ele foi contratado e, lá, ele foi fazer o quê? Ele foi fazer medição de terras.

W.B. – É. Não só para fazer. Porque o agrimensor, ele não tinha a função só de topografia, ele tinha a função, também, de especificar os locais aonde ia plantar, aonde a terra tinha melhor qualidade; e ele foi levado a isso. Mas ele fazia parte de um grupo que estava em Santarém, que é uma cidade próxima a Fordlândia, ao projeto, e lá ele foi escolhido entre os muitos que se juntaram em 1930, 32. Na realidade o projeto começa em 27, 28. Mas em 30 é que ele começa a dar os primeiros passos de desmatamento para poder... Era um

negócio muito grande. Milhares e milhares de hectares de terra, para você tirar essa floresta que existia, que era uma floresta heterogênea, para plantar só seringueira. E houve uma série de problemas. A natureza não aceitou passivamente isso, e o projeto, a partir de 48, 42 a 48, o projeto, ele não deu certo.

A.F. - E vocês saíram de lá, a família.

W.B. – Eu saí... Não. Meu pai morreu de beribéri, no projeto. E eu tinha seis anos de idade. E minha mãe, devido ele ter morrido, minha mãe não podia ficar lá porque ela não tinha emprego lá; então, eles pagaram a ela um pedaço de dinheiro qualquer, eu não sei quanto, e despacharam ela na lancha que levava para Santarém. Meus avós estavam em Santarém, e eu fui para lá, com seis anos de idade.

A.F. – Você nasceu em que ano?

W.B. – Eu nasci em 1938.

M.M. – Você tinha outros irmãos?

W.B. – Tinha mais dois irmãos.

M.M. – E aí o senhor foi para Santarém...

W.B. – Nós fomos para Santarém. Minha mãe foi para Santarém porque o pai de meu pai morava em Santarém. E nós ficamos um tempo lá. E foi bastante interessante, que aí eu vi o rádio pela primeira vez. Eu não sabia o que é que era aquilo. Esse meu avô tinha um rádio Muller, e eu... ficamos lá, aquele dial bonito, redondo, não é, e aquela coisa me fascinou, ouvindo aquele negócio; eu olhei por trás para ver. Eu achava que era ventríloquo ou alguma coisa. Eu, uma vez, tinha visto um ventríloquo que foi lá na cidade. Mas rádio não tinha lá, porque não era interesse da companhia ter esse tipo de coisa, que tirava a atenção, não é.

M.M. – E o senhor ficou morando lá em Santarém.

W.B. – Em Santarém, até os sete anos e meio. E depois nós fomos para Manaus. Lá em Manaus, onde morava o pai da minha mãe. E lá nós nos estabelecemos, e eu estudei uma boa parte em Manaus. Depois, eu vim para Belém novamente, fiquei com uma tia minha um ano e meio; voltei para Manaus. E lá em Manaus eu completei o curso técnico de pontes e rodovias.

M.M. – O senhor estudou sempre em escola pública.

W.B. – Sempre em escola pública. Essa escola...

M.M. – Essa escola técnica.

W.B. – Era uma escola técnica...

M.M. – De segundo grau.

W.B. – É, de segundo grau. Mas ela era ligada ao município, não era ligada ao governo do estado, não era federal. E lá eu consegui... A gente tirava um diploma, não é. Só que esse diploma só tinha valor no estado – ou melhor, no município, assim como a carteira de motorista na época, também, ela não tinha valor, o valor era só do estado, a carteira de motorista. E esse certificado ou esse diploma que a gente tirou, eu ganhei até um anel por causa disso. Foi um negócio assim bastante interessante.

M.M. – O senhor faz esse curso e começa a trabalhar?

W.B. – Não. Aí a Refinaria de Manaus, a REMAN, abre um concurso para você trabalhar em refinaria de petróleo. Aí abriu, tinha cem vagas. E eu estava completando dezoito anos, não podia nem me inscrever direito. Para vocês terem uma ideia, o concurso foi dia 21 de maio de 56, eu nasci dia 20. Para ser mais preciso, eu tinha nascido tinha 24, mas minha tia, por questões de homem, esse negócio todo, me registrou dia 20. [risos] Falava que 24 não ficava bem. Aí eu fui registrado dia 20. E isso me beneficiou, para mim fazer o concurso para a Refinaria de Manaus. E entre os inscritos eu fui o quarto colocado. E aí fui bem aproveitado. Mas uma boa... É gozado. Dos cento e vinte que passaram na prova só ficaram oitenta. Quando foram ver o trabalho lá, o trabalho era fogo! A refinaria estava em montagem. Mas quando nós fizemos a primeira experiência, que eles passaram lá, de filmes do que era uma refinaria, uns quarenta foram embora, não voltaram nunca mais.

M.M. – Essa refinaria estava sendo construída lá em Manaus.

W.B. – Lá em Manaus. É.

M.M. – Vocês foram os fundadores, praticamente.

W.B. – É. Eu nasci com um privilégio na vida, de sempre estar começando as coisas. Então a Refinaria de Manaus, eu sou um dos que ajudou a criar a Refinaria de Manaus.

M.M. – E aí? O senhor começou a trabalhar lá. Com 21 anos.

W.B. – Comecei a trabalhar... Não. Com 21 anos não, com 18. Com 18 anos.

A.F. – E qual era o seu trabalho?

W.B. – Eu era ajudante. Ajudante, lá, não tinha... Ajudante era ajudante, ajuda qualquer um, qualquer operador. Só na área de operação da refinaria. No início, nós ficávamos estudando, esse negócio todo. Era um grupo de javaneses, que vieram da ilha da Java, que tinha experiência em petróleo no Iraque naquela época. Naquela época não... Eles tinham, só para o lado da Arábia Saudita tinha refinaria. E tinha Refinaria de Cubatão, que estava começando em São Paulo, e a Refinaria de Mataripe, na Bahia, que também estava bem incipiente; não tinha mão-de-obra, então tinha que qualificar e trazer de fora. Esses javaneses... Agora você imagina, lá no Amazonas, javanês falando javanês, um panamenho traduzindo para espanhol e um camarada traduzindo para nós em português. Era um circo, não é, vocês já imaginaram. [risos] Mas mesmo assim, a nossa criatividade, quando a refinaria precisou dar partida, nós estávamos juntos, demos partida nela. E funcionou muito bem. Foi referência a nível nacional. Naquela época ela era muito moderna.

M.M. – Quando ela deu partida?

W.B. – Ela deu partida no mesmo ano de 56. Nós entramos em maio, ela deu partida em setembro.

M.M. – Então foi rápido.

W.B. – Foi. Não. Ela já estava em obra antes.

M.M. – Sei. Vocês foram mais para montar a operação.

W.B. – Nós fomos já para a parte técnica, a parte operacional.

M.M. – E você ficou trabalhando lá.

W.B. – Até 1960.

M.M. – Uma coisa que eu queria te perguntar. Durante a sua juventude, qual foi a sua formação? Sua família era católica?

W.B. – Não. A minha... Eu quando jovem, eu fui criado na igreja, eu fazia parte da Igreja Católica. Sempre fui. A minha formação toda é da igreja, da Igreja Católica.

M.M. – Sua família era católica.

W.B. – Católica. E eu sempre fui...

M.M. – E você era praticante.

W.B. – Eu não sei. Eu não me lembro bem como é que era. Porque é meio difícil você... Eu fiz primeira comunhão, então, o cara que faz primeira comunhão está... E fiz também... Como é que é o nome?

M.M. – Crisma.

W.B. – Eu sou crismado. Sou crismado. Eu tenho padrinho de crisma. Então... Essas coisas todas a minha família sempre preservou. Minha mãe, nesse ínterim, ela teve um segundo casamento, que nasceram mais dois irmãos. E esse segundo casamento dela também não foi exitoso. Ela casou em 54 ou 55, em 58 ele faleceu também. E aí a gente continua a nossa vida. Eu fiz o primário todo lá, em grupo escolar, depois fiz o...

M.M. – O ginásio.

W.B. – É. Mas o ginásio, era interessante, você não entrava no ginásio de primeira, não. Você tinha que fazer o curso de admissão para poder entrar. E aí eu fui para essa escola técnica. E lá eu me formei nessa área de pontes e rodovias. E ao entrar na REMAN, na Refinaria de Manaus, ajudei a criar o sindicato lá.

A.F. – Já nessa época.

W.B. – Foi um negócio terrível, não é, porque...

M.M. – Como é essa sua relação com a militância política? Como estudante, o senhor já tinha contato lá?

W.B. – Não. As coisas na minha vida aconteceram e eu estava junto e participei. E eu sempre fui um camarada assim, muito... às vezes, até imprudente. Eu fazia propostas que às vezes estavam acima do poder do meu exercício, de qualidade de execução. Mas eu sempre conseguia ter alguém, também ao meu lado ou junto ou periférico, que dava essa força, e a gente construía junto. O início do sindicato lá de Manaus, foi um sindicato que era muito paternalista, a gente estava mais preocupado era em ter um cartão que a gente comprasse mais barato, que a refinaria desse para nós combustível mais barato. Essas coisas. Não era nada assim, organizado. Na hora que nós começamos a organizar foi já em 1959. Em 59 nós



passamos a discutir questões de política sindical. Mas aí, um negócio bem... Porque entrou uma turma nova de operadores e eles vieram já com a qualidade escolar melhor. Eles já tinham uma formação escolar de melhor qualidade do que a nossa. E eles também nos trouxeram mais informação. Já veio gente da Escola Técnica Federal, já veio alguns camaradas que estavam estudando engenharia e se aproveitaram do momento, porque trabalhava de turno, eles podiam fazer rodízio também na escola, então, isso nos ajudou bastante naquela questão da qualidade sindical. Mas não tinha nada de política partidária. A nossa política sindical, ela era bem... bem pequena; junto mais com a igreja, discutindo algumas questões: olha, a gente não pode fazer determinadas coisas porque o poder é esse... A questão governamental era colocada para nós como: não se discute essa questão. Igreja e política não se discute, cumpre-se.

A.F. – E nesses quatro anos, de 56 a 60, você entrou como ajudante...

W.B. – Não. Aí eu fui promovido imediatamente. No outro ano, um ano de trabalho, eu já tinha sido promovido para operador. Era operador. E saí de lá como operador, atingi... Porque o nível era A, B, C. Eu saí como operador C, para ir para o Rio de Janeiro.

M.M. – E o que, exatamente, fazia o operador?

W.B. – O operador, nós dois tipos de trabalho dentro de uma refinaria. Aliás, três. Um que mexe na parte energética. Vai gerar energia, eletricidade, para a refinaria tocar. O outro recebe o petróleo e processa, e faz gasolina, querosene, gás. E o nosso trabalho era receber o produto bruto, entregava para refinar e recebia os derivados. Esse era o meu trabalho.

M.M. – Uma coisa que eu queria lhe perguntar também. Esse período, início dos anos 60, é um período de muita agitação política no Brasil. Quer dizer, final do governo JK, eleição, Jânio; depois, em 61, a entrada do Jango, a politização do PTB.

W.B. – Sim. Para nós lá.... Não. Nós acompanhamos o PTB lá porque o PTB lá, ele tinha o Almino Afonso, tinha o Gilberto Mestrinho, que estavam começando carreira. E o PTB parecia para nós um partido que tinha mais... Falava em trabalhista, a gente confundia com trabalhador, não é. E não pertencíamos, absolutamente, a partido nenhum; embora eu tenha sido convidado para ir para ala moça do PTB. Mas eu nunca me identifiquei com um partido, embora votasse com eles. A campanha do Plínio Ramos Coelho em Manaus, para governador, do Gilberto Mestrinho, depois, para governador, isso aí, eu apenas servi de

eleitor. O meu processo de conhecimento real, ele acontece quando eu saio de lá, quando eu saio de Manaus. Aí eu venho para o Rio de Janeiro. Lá, era uma empresa particular. E eu venho para o Rio... Fui escolhido entre um grande número de pessoas que mandaram, naquela época, um currículo para a Petrobras, eu fui escolhido entre eles e tive que sair de lá e vim para o Rio de Janeiro.

A.F. – Lá, a refinaria era privada.

W.B. – Era particular. Depois que ela passou para a Petrobras.

A.F. – E de quem era a propriedade?

W.B. – A propriedade era de um camarada chamado Isaac Benaion Sabat. Ele teve uma visão muito grande, de fazer uma indústria de petróleo naquela região. Mas ele tinha muita influência de grupos estrangeiros, que deram sustentação para ele montar essa indústria lá.

A.F. – Então, a vinda para o Rio já é a partir de uma seleção para a Petrobras.

W.B. – É. A vinda para o Rio, ela é *meia* problemática porque, eu tinha uma tia minha que morava em Duque de Caxias, lá no final do mundo, o único lugar que eu tinha visitado era Belém, então eu não tinha a dimensão do que é que era Rio de Janeiro. Mas a minha imprudência, mais uma vez... Eu mando esse currículo, eles aceitam e me chamam. Eu fecho as contas lá e venho embora para o Rio.

A.F. – Com 22 anos. Solteiro ainda.

W.B. – É. Solteiro. Venho no Lloyd Aéreo Nacional. Sai de Manaus seis horas da manhã, chega no Rio seis horas da tarde, com duas horas de parada em Brasília, a efervescência, em março, de Brasília, para a inauguração dia 21 de abril de 60.

M.M. – Ah! Então você estava no auge, aquele momento.

W.B. – Eu estava. Eu cheguei em Brasília, não saltei não, só no aeroporto ali, porque estava em obras também, era um poeiral louco, falei: um dia eu ainda venho para cá. Esse é que é o lugar. Será que aqui vai ter refinaria? [ri] A minha inocência. Eu não tinha ideia do que é que estavam fazendo ali. Eu tomava conhecimento, de que era a capital federal, que estava aquela coisa, mas eu não tinha a dimensão da mudança do poder, saindo do Rio para lá. Então, eu cheguei aqui, ainda eu assisti o Aterro do Flamengo ser feito, ainda tinha o

bonde. Eu rodava aqui, aqui, passava o bonde aqui em frente. Eu, primeiro, fui morar em Caxias com minha tia, e depois eu vim para morar em Botafogo. Então, eu saía de Botafogo, ia trabalhar lá em Duque de Caxias. Foi um negócio bastante interessante, que nós chegamos em março e a refinaria deu partida em 71. Ficamos um ano, ainda, trabalhando...

A.F. – 61.

W.B. – 61. Desculpe. Em 61. Aí trabalhamos, demos partida na refinaria. Foi bem interessante.

M.M. – Essa refinaria era...

W.B. - Refinaria Duque de Caxias.

M.M. – Você também está na fundação então.

W.B. – Lá está eu, de novo, ajudando na construção.

M.M. – Você tem uma vocação para fundações, não é.

W.B. – Pois é. Aí, o que é que acontece? Viramos, mexemos, a gente começou a trabalhar... Eu fui, também, para ser operador, já de nível graduado entre os que vieram. Vieram gente da Bahia, gente de São Paulo, gente da... Vieram bastante gente. E do exterior também, vieram para cá, para ajudar na partida da refinaria. Quando o ano de 61, demos partida na refinaria, nós já estávamos tendo um embrião, uma discussão de um embrião de sindicato. Lá estava o Benevides, aonde? No meio dessa criação também, discutindo. E criamos a entidade sindical em final de 61.

M.M. – Mas aí era um período de uma agitação enorme.

W.B. – Terrível.

M.M. – Jango já tinha tomado posse, uma polarização, a renúncia do Jânio...

W.B. – Terrível. É. Ali, o Jânio, estava aquela confusão do Jânio, aquela coisa.

M.M. – Jânio saiu.

W.B. – É. Nós perdemos a eleição, porque eu votei no Lott, não é. Perdemos a eleição. Foi um negócio horrível. Ninguém entendia. Ué? Mas o Lott era o nosso candidato, e perde? Era a espada contra a vassoura. E a vassoura vai, vai vassourinha, e a espada levantada. E a gente... Aquela loucura. Mas... Nós descobrimos um negócio, que foi bastante interessante,

na fundação do sindicato. Nós descobrimos que tinha um grupo que era diferente, sabe. Esse grupo, ele era de melhor qualidade, ele discutia as questões nacionais, a questão sindical brasileira, mas tinha um viés que a gente não entendia. A gente não entendia. Você não tinha formação política para entender. Os caras tinham. Eles vieram de Cubatão, vieram da Bahia, e eles já tinham ligação com o PCB. Eles já eram, já tinham experiência sindical. E nós não tínhamos. Mas nós tínhamos uma visão de um sindicato que representasse a categoria mas que não fosse subalterno a ordens externas. E aí deu choque. Houve esse primeiro choque.

M.M. – Entre as pessoas que queriam a discussão política em cima dos direitos dos trabalhadores...

W.B. – Este era o que nós queríamos.

M.M. – Mas sem vinculação com PCB ou outros partidos.

W.B. – Sem vinculação com nada. Nossa intenção era um sindicato aonde representasse, legitimamente, os interesses dos trabalhadores, mas que não tivesse, por exemplo, uma carroça para a gente puxar. Só que nós não conhecíamos essa linha. Nós sabíamos que tinha o Partido Comunista, mas soava para nós diferente. Pô. Nós fomos criados dentro da igreja. Comunista come menino, come criança. Como é que eu vou me juntar com um cara que come criança? Um camarada que quer fazer guerra dentro do Brasil? Isto foi o primeiro momento de lá. E nós viemos trabalhando isso. A refinaria deu partido, o sindicato foi bem. Só que a primeira diretoria nossa, o Aristélio, que nós escolhemos, que era um belo companheiro, ele é filiado ao Partido Comunista. O outro, o vice também. Então nós escolhemos toda a diretoria, e só eu que... Eu era delegado sindical dentro da refinaria, então eu representava, eu fazia parte de um grupo... Que a gente queria um sindicato que fosse livre de qualquer... E nós construímos o sindicato, ficamos junto com o sindicato, e a primeira diretoria que nós elegemos não tinha nada a ver com a gente. [ri] Ela não era independente.

A.F. – Vocês identificavam que as pessoas eram vinculadas ao PCB.

W.B. – Ela era dependente mesmo.

M.M. – E você não era da diretoria.

W.B. – Não. Eu era delegado sindical, fazia parte do bojo.

A.F. – Do conjunto, mas sem ter posição de executiva.

W.B. – Sem ter. Eles não deixavam. “Não. Você pode ser delegado sindical, mas você não pode participar do grupo...”

A.F. – Sei. A cúpula do sindicato estava na mão do PC.

W.B. – A cúpula, na mão do PC. Não. E eles administraram bem. Não foi ruim, não. Eles eram honestos, direitos, os documentos que eles soltavam, tudo; mas a gente não participava das discussões. A decisão vinha pronta. Quando, inclusive, nós nos filiamos ao PUA – Pacto de Unidade e Ação, sem a gente saber o que é que era isso. O que é que é PUA? E nos filiamos também à central... Qual era a central?

M.M. – CGT.

W.B. – CGT, também sem saber o que era CGT. Então nós passamos a participar disso tudo, quer dizer, quando vem o golpe, quando a ditadura vem, nós estamos dentro da refinaria e trabalhando, ainda dizendo: não, nós estamos bem, o nosso sindicato está muito bem. E nós estamos aí, nós vamos combater. Nós estamos aí preparados. O almirante Aragão está aí, com as tropas de fuzileiros navais, nos garantindo. Jango é o nosso presidente. E acabou. Só que a gente desconhecia que o Lacerda... Eu o conhecia porque eu tive, algumas vezes, o vi falar. Ele tinha o dom de falar cinco horas. Igual ao Fidel. Ele falava cinco horas, sem perder o fio da meada. Era um tribuno... Eu passei também, acompanhei muito aquele caso que aconteceu aí, do Lacerda -, não vivi, mas acompanhei o processo daquele capitão que mataram, não é, major Vaz. E aquilo tudo veio somando, veio somando desde o passado até chegar no golpe de Estado contra o governo Goulart.

A.F. – E do ponto de vista da atuação como delegado, quais eram as questões, as reivindicações, os problemas de trabalho da refinaria que vocês estavam trabalhando mais nesse momento?

W.B. – Nós éramos só porta-voz. Delegado sindical era o porta-voz. Pegava os boletins do sindicato e entregava para a base. Nós éramos o elo entre a direção e a base.

A.F. – Mas quais eram os problemas? O que o pessoal reclamava, demandava?

W.B. – Nós começamos a discutir uma coisa, que o PC sempre foi muito... Ele foi muito cuidadoso com a saúde do pessoal. O PC sempre... Eu não sei se isso era o mote para conquistar ou se isso era, realmente, um trabalho que eles faziam. Mas médicos, eles já

brigavam por isso, a alimentação, a Petrobras sempre foi de primeira qualidade no... Primeiro, o nosso salário era o melhor do país, praticamente. Nosso atendimento médico era um dos melhores. Nós tínhamos condução ida e volta. Cada funcionário da minha qualidade tinha um salário muito bom. Eu tinha um carro, uma Cadillac (.....wood) 56. Imagina. Pneu balão, banda branca, conversível.

M.M. – Você morava onde?

W.B. – Eu morava em Botafogo.

M.M. – Aqui. E era casado nessa altura?

W.B. – Não!

M.M. – Então estava curtindo o Rio de Janeiro.

W.B. – Estava. Eu era sócio do Quitandinha Santa Paula. A gente saía da refinaria, ia lá para cima passear. Para Petrópolis, não é. Trabalhava seis dias e folgava três. Então foi uma... muito rico essa parte que eu vivi. E a refinaria, ela me deu também... Ah! Nós juntamos, lá na refinaria, depois do golpe... Nós tínhamos já um trabalhozinho feito. Uns eram pintores, outros eram músicos, tocavam violão, esse negócio todo. E inclusive o Vergara, que é a expressão de pintores, casou com a Marieta Severo, era nosso colega desse grupo da refinaria.

M.M. – Quem? O Carlos Vergara?

W.B. – É. Vergara.

M.M. – Eu fui no atelier dele anteontem.

W.B. – Pois é. E a partir dele nós aprendemos a pintar. Alguns. Eu tenho alguns trabalhos lá na minha casa, de pintura. Eu sou meio... A gente ia lá, dava umas pinceladas. E fizemos alguns trabalhos bastante interessantes. Mas eu não tinha qualidade para esse tipo, não. Eu sempre fui um sujeito mais operário. Eu nunca fui assim... Nunca tive a felicidade de ir para a universidade. Eu achava que a universidade para mim, não merecia, porque onde eu trabalhava, eu ganhava razoável, eu lia dois livros por mês. Hoje eu leio só um. Então ainda tenho alguma coisa para fazer. Então, eu participava desse grupo. E depois do golpe, nós continuamos com esse grupo, mas aí o trabalho já não era mais só esse; era um trabalho de

arrecadação de dinheiro para ajudar os companheiros que tinham sido presos, que tinham sido...

A.F. – E no sindicato então, a diretoria, houve intervenção?

W.B. – A diretoria, houve intervenção, a diretoria foi toda presa. Eu fiquei preso uma semana, oito dias, dentro da refinaria. Preso mesmo. É. O tenente coronel disse: “Estão presos. Só sai para trabalhar, e volta para cá”. A gente ficava lá dentro da refinaria, preso lá dentro. E algemado mesmo. Não teve negócio não. Primeiro dia, foi todo mundo algemado. Delegado e mais alguns. Mas o quadro era muito qualificado, você não podia tirar quem estava trabalhando porque não... Como substituir facilmente? Então eles tiveram, assim, medo de mexer com esses profissionais e gerar um problema para eles mesmos. Gerar um problema de qualidade de mão-de-obra. Uma refinaria, você não pode brincar com ela. É tipo esse cara de voo aí. Você não pode brincar. A refinaria, se pegar fogo, explodir, acabou.

A.F. - Aí então, depois do golpe, vocês fazem esse trabalho de solidariedade.

W.B. – É. Esse trabalho de solidariedade, ele veio naturalmente. Depois, a gente conheceu, também, muitas outras pessoas que faziam parte de grupos. Aí foi que a gente passou a conhecer algumas pessoas que participavam dos movimentos. Mas a gente não tinha... Era meio arredo a esse tipo de proposta, sabe. A gente não participava dessas coisas, porque a gente achava que não era bem isso que a gente queria. E esse trabalho feito aqui no Rio de Janeiro foi um trabalho... Nós juntamos, eu conheci uma porção de gente aqui, eu tinha participação boa; eu votei no Brizola, acompanhei a gestão Brizola toda, acompanhei os trabalhos que foram feitos pelo Lysâneas Maciel, trabalho feito pelo Edson Cair, que depois veio a ser companheiro do PT, no começo. O Rio de Janeiro para mim foi muito rico no aprendizado, e aqui eu consegui também ter melhor literatura.

M.M. – Um acesso a uma cultura.

W.B. – Acesso à cultura melhor. Embora isto aí não tenha influenciado em mudança de linha política. A gente sempre achou que partido político... aquilo não me interessa. Aquilo ali é outra coisa. Nós queremos é viver a vida.

M.M. – E como é que ficou a situação do sindicato da Refinaria Duque de Caxias já na vigência da ditadura militar? Houve a intervenção, aquela diretoria foi presa...

W.B. – Houve intervenção e ficou nomeado um interventor. E esse interventor ficou até 68, quando eu fui mandado para Minas Gerais.

A. F. - Transferido.

W.B. – É, transferido. Aí já foi transferência. Foi quase que uma requisição também. Mas... uma transferência, fica melhor colocado. E lá ajudei a fazer o quê? Dar partida numa refinaria de petróleo.

M.M. – E você foi para lá por quê? Por causa da questão técnica?

W.B. – Técnico. Lá não tinha mão-de-obra. E a gente tinha. Como o pessoal de Minas, os que vieram para o Rio para fazer treinamento, eu ajudei a treiná-los, naturalmente eu fui. Assim como eu não conhecia o Rio de Janeiro, nunca tinha ido a Minas também, nunca tinha ido a Belo Horizonte. E lá vai.

A.F. – Do ponto de vista do trabalho, da questão funcional, você já veio de Manaus como um operador...

W.B. – É. Último nível.

A.F. – E aqui...

W.B. – Aqui, eu já fui direto para operador-chefe. Operador bem mais graduado, responsável por um grupo, não é; preparar o grupo e dar partida, e depois continuar trabalhado.

A.F. – Quer dizer, quando vai para Minas, você já vai levando essa experiência.

W.B. – Já levava. Mas eu chego em Minas, foi traumático, 68, que eu chego em Minas. Eu chego em Minas em março. Em abril tem a greve da Mannesmann. Arregaçada. Foi um negócio. Teve tiro, teve morte, teve pancada, trabalhador preso. O ministro do Trabalho era o Jarbas Passarinho. Mas eu não conhecia ninguém em Minas, aí foi meio... Até você identificar quem era quem... Você não tinha condição, não é. Mas eu tive uns companheiros, lá da própria refinaria, que eu também não tinha relacionamento com eles, mas eles se chegaram para nós, convidando: “olha, a gente podia ajudar esse pessoal”, esse negócio todo; e nós ajudamos algumas pessoas lá. Até arrumando casa para eles ficarem. Mas foi um trabalho inicial, sem ter compromisso nenhum com o processo. Acompanhamos a greve e ajudamos no que pôde, mas não tinha interferência nenhuma. E eu não fazia parte do



sindicato, porque o sindicato também estava sob intervenção. Mas passei a conhecer o interventor do sindicato e conversar com ele... A diretoria...

A.F. – Frequentar o sindicato.

W.B. – Não. Frequentar não.

M.M. – Qual sindicato?

W. B. – Sindicato dos Petroleiros de Minas Gerais. Este já estava feito quando eu cheguei. E aí nós começamos a discutir, montamos... Para começar, nós criamos um ambiente de criar um cineclube lá dentro. E aí o cara... “Ah, cineclube pode, sim.” Mas aí, no primeiro filme que nós fomos passar, o *Encouraçado Potemkin*, [risos] aí não, aí vocês já estão querendo que eu vá preso. Vocês querer passar um filme desse aqui dentro? Ninguém nunca viu isso, não. Estou pensando que vocês vão passar... Como é que era?

M. M. – Pornochanchada.

W. B. – Não. *Blow-up*. Ele queria que a gente passasse *Blow-up*. Falei: “Mas rapaz! *Blow-up*? O pessoal não entende.” “Não. Mas esse aí...” Terminou, não passou o filme. Não foi aprovado. Mas nós passamos lá uns outros filmes depois. Mas foi difícil isso aí. Mas a gente abriu a porteira. E começamos, devagarinho... Olha, para você ter ideia, foram dez anos para nós conquistarmos o sindicato. Foi difícil. Porque não tinha espaço, não tinha jeito. O sindicato, o presidente nunca estava lá; e nós continuamos tendo qualidade de vida superior aos demais.

M.M. – Claro. Não se justificava muito uma grande mobilização. Vocês ganhavam bem.

W.B. – Não tinha jeito. Era. Nós... Não tinha. (Ganhava) Bem. Como é que vai fazer? Você tem almoço, café e janta, ganha um salário razoável, tem condução que te pega praticamente na porta de casa e te leva para o trabalho...

A.F. – E a categoria é concentrada em Belo Horizonte?

W.B. – Não. Você tinha gente que morava em Betim. Porque a refinaria fica no limite entre Belo Horizonte e uma cidade chamada Betim. E lá que fez a refinaria. A refinaria, nós trabalhamos nela.

A.F. – O sindicato, eram só os trabalhadores da refinaria.

W.B. – O sindicato era na cidade. Só o pessoal da Petrobras. Depois, nós estendemos ele para um pessoal que trabalhava em refinaria de óleo queimado, esse negócio todo. E nós que agregamos. Mas já num outro momento.

M.M. – Bom. Quando é que começa a sua militância política então, para fazer com que esse sindicato e esses trabalhadores que não eram muito mobilizados, pelas condições que dispunham...

W.B. – É. Quando eu estava na Escola Técnica, eu participei da JUC, embora eu não fosse universitário. Eu participei da JEC, participei da JUC e depois da JOC. A JOC é a Juventude Operária Católica. Cheguei no Rio de Janeiro, aí é um prato feito lá. Aí tinha todo mundo. A maioria era da JOC. Tanto que o nosso pessoal da JOC durante a ditadura, quando pessoal foi para a clandestinidade, a JOC virou AP. Que negócio de AP é esse? Eu sei lá o que é AP? Vamos para a AP. Que AP, rapaz? Sei lá o que é AP? AP para mim é apartamento. Não tinha a dimensão do que significava. Eles foram, e eu não fui, porque não sabia o que é que era, porque eu não tinha... Para que eu ficar contando vantagem que eu sabia? Eu não sabia o que é que era. Então, foi interessante isso aí.

A.F. – E ao chegar em Minas, também, as pessoas mais próximas politicamente eram pessoas com essa origem de igreja? Ou não?

W.B. – Sim. Não. Com certeza. Tinha muita gente que era organizada. Mas você não sabia. Puxa. Era um dogma lá. O pessoal que era do Partidão, ninguém sabia, quem era organizado ninguém sabia. Então, você convivia naquele... naquele belo zoológico, não é. Um belo zoológico.

A.F. – E mineiro é bom de clandestinidade. Já são no...

W.B. – É. Um belo zoológico ali. Você no meio ali, flutuando naquele zoológico de várias matizes. As cores eram as mais variadas possíveis. E você não sabia. E eu não tinha muita observação para isso. Era muito mais voltado para outras coisas. Por exemplo, eu era um cara que ia a teatro. Um camarada que frequentava exposição de artes, mesmo não conhecendo muito mas, pelo menos o instinto me levava a fazer isso. E lia dois livros por ano... por mês. Mas os livros não eram... Eram livros comuns mesmo. Aqueles Morris West, aquelas coisas, não é. Aquele Lobsang Rampa. Então, a gente era voltado para ler essas coisas. Você não... Porque não tinha... Não é dizer que não tinha livro. Tinha. Você podia ler

alguma coisa. Tanto que *A História da Riqueza do Homem*, no dia que eu li aquilo, minha cabeça deu um pulo.

M.M. – Aquilo fez a cabeça de todo mundo. Já leu esse livro, Alexandre?

A.F. – Já. Leo Huberman.

W.B. – Ah! Aquilo foi a coisa mais bonita! Quando eu peguei aquele livro, eu vibrei, falei: nossa! Virei homem agora. É isso aqui que é a coisa certa. Eu nem sei se era.

M.M. – Mas para mim também teve um impacto.

W.B. – Teve. Foi muito forte na minha vida *A História da Riqueza do Homem*.

M.M. – Era o livro de iniciação.

W.B. – E no dia também, foi bastante interessante, já bem depois, eu comecei a ler *O Processo*, do jeito que eu comecei eu terminei o livro. Isto é, quer dizer o seguinte: sem entender absolutamente nada. O que é que era a burocracia. Eu jamais...

M.M. – Do Kafka, não é.

W.B. – É. Eu não entendia o que é que era burocracia. Depois, dez anos, quinze anos depois, que eu fui ler com calma, para tentar entender duas páginas. Eu acho que eu continuo só com as duas páginas. [risos]

A.F. – Então, de 68 até 78, quando é que vocês começam, realmente, a organizar um grupo para tentar conquistar o sindicato?

W.B. – 75. Começa a discutir que nós temos nos organizar no sindicato, porque nosso sindicato não tinha representatividade. E aí, final de... Não. Final de 76, para ser mais preciso, um natal, como esses natais que acontecem, nós reunimos, tomando um chope, *vamos fazer uma chapa para concorrer à diretoria? - Vamos embora*. Fizemos. Em 78 houve a eleição. Nós fizemos um negócio que a gente nunca tinha experimentado. Era reunir os petroleiros todos e dizer: ‘Vem cá. Vamos fazer uma chapa aí de trabalhador para o sindicato?’ - ‘Vamos embora.’ E aí eu fui escolhido como sendo o cara. Eu tomei uma surpresa, porque eu não achava que eu tinha qualidade para ser presidente do sindicato. Achava que não. Embora tivesse...

M.M. – Você entrou logo na primeira.

W.B. – Na primeira eleição. Disputamos e ganhamos a eleição.

A.F. – E o índice de sindicalização era alto na categoria?

W.B. – Era. Era noventa e sete por cento. Quando nós entramos era em torno de sessenta e oito, nós subimos para noventa e tanto; pela credibilidade, pelo tipo de trabalho que nós... As primeiras reuniões setorizadas. Nós íamos dentro das refinarias. O superintendente não soube o que fazer. Ué? Vai por eles para fora? Não deixa eles entrar? Tudo funcionário da Petrobras. Cara que trabalhou junto com a gente. Aí o coronel que era da DIVIN lá falou: “Não. Deixa esses caras entrar. Eles não faz(em) mal a ninguém, não.” E nós não fizemos mal mesmo não. Apenas reorganizamos a categoria toda. Trabalhamos, conquistamos as maiores vitórias que os petroleiros tiveram, foi nessa época. Tivemos as correções salariais, todas elas acima dos padrões que os outros trabalhadores recebiam, conquistamos quarenta horas, conquistamos férias em dobro, tudo isso, de 78 até 81.

M.M. – Era uma pauta, basicamente, com as reivindicações da categoria.

W.B. – Da categoria. Não tinha absolutamente nada que interferisse. Embora dentro da diretoria também tivesse companheiros que eram organizações, e a gente não sabia. Eles participavam de tudo. O cineclube voltou a operar direitinho, tudo bem; fizemos boletins, compramos uma máquina para emitir nossos boletins; e a gente fez um jornalzinho semanal, com as principais notícias do que acontecia, do DIEESE, notícia do Ministério do Trabalho, de tudo que fosse voltado para nós. Só que nesse 78 aconteceu um fato, que foi um negócio dos mais interessantes. Quando nós começamos a discutir essa chapa para o sindicato em 77, o Jacob Bittar tinha sido eleito, em 75, tinha sido eleito presidente do Sindicato dos Petroleiros de Campinas, e ele começou a se movimentar. E para a minha posse, que nós ganhamos a eleição, nós convidamos o Jacob para vir a nossa posse. E o Jacob vem para a posse e traz o Paulo Skromov, traz o Lula e traz o Sicote. Aí eu fui apanhá-lo no aeroporto. Eu tinha um fusquinha, fui lá no aeroporto para apanhar os caras. Peguei. Saltaram no aeroporto da Pampulha. Nós viemos conversando. Aí o Lula... Eu estava dirigindo e o Lula estava atrás. Ele virou assim: “Benevides. Que tal a gente fazer um partido político só nosso?” Aquilo entrou pelo meu ouvido meu quadrado, sabe. Falei: “Ô Lula. Você não me conhece.” Disse: “Não. Jacob já me falou que você é um cara dinâmico, um cara que tem capacidade, qualidade, você pode, perfeitamente, nos ajudar a construir esse partido.” Eu falei: “Lula, olha bem. Nós temos aí o MDB, que nos representa razoavelmente. Está vindo

Brizola com o PTB aí, está vindo. Pô. Nós temos uma série. Tem Ulysses, tem todo mundo aí. Imagina a gente fazer um negócio desse.” Aí mudei de conversa. Lula ficou sem graça. No banco de trás, eu olhei pelo retrovisor, ele olhou para o Jacob com uma cara *meia* atravessada, não é. O Skromov ia na frente. Não falaram nada. Aí fomos... “Não. Eu não vou para hotel, não. Vamos tudo para sua casa.” Aí nós fomos para minha casa. Chegou lá, minha mãe fez uma lasanha, eles comeram e tudo; e à noite nós fomos para o Sindicato dos Bancários, que era a minha posse. A imprensa anunciou que o Lula vinha, esse negócio todo. Foi todo mundo. Lula não tinha ainda a expressão que ele tem hoje, é óbvio, mas ele já estava servindo de... A greve de 78 que eles fizeram foi... parada na máquina, no pé da máquina, foi uma ressonância. E a imprensa toda foi. E tinha mais ou menos... Sei lá quantas pessoas. O sindicato estava lotado. O Jacob fez o discurso dele, aquele discurso sindical, o Skromov também. Todo mundo respeitando, não é. Cara! E eu não. Falei: “Nós não podemos ficar só com a proposta política sindical. Nós temos que construir um partido só para nós. Partido dos Trabalhadores.” Cara! Eu fiz a maior sacanagem com os caras. Depois de dizer que nós não tínhamos capacidade, qualidade para fazer um partido, eu vou e faço um discurso desse porte. Cara, eu fui aplaudido de pé. Os caras olhavam um para a cara do outro, o Jacob olhava para a cara do Lula, do Skromov, do Sicote. E eu com a cara... Depois que eu fui entender a inconfidência que eu fiz com eles. Mas, a partir dali, nós plantamos a semente. Foi bastante interessante. Eu não me arrependo disso que eu fiz. Depois, eu pedi desculpa para eles; mas era uma desculpa já sem volta. E, a partir dali, eu acho que nós começamos a discutir o PT, o Partido dos Trabalhadores. Quando acabou tudo, no outro dia, os jornais: *Benevides propõe um novo partido*, aquele negócio todo. Eu chego no sindicato, todo feliz da vida, tinha uns oito com a cara emburrada. Tinha um turma lá satisfeita mas... Esses caras. O que é que houve? E eu: que diabo que é isso. Esses camaradas estão com raiva de mim, e eu não sabia o que é que era. Aí eu procurei um deles, Fogosa, falei: “Fogosa vem cá. O que é que está acontecendo?” “Pô. Benevides. Você não pode fazer isso. Nós já temos o nosso partido. Ele começou em 1922. Ele representa todos os trabalhadores, não é do Brasil, é do mundo.” Eu falei: “Mas eu não conheço esse partido.” Falou: “Não, rapaz. É por isso.” Aí começou a conversar comigo. Aí era irreversível. Tinha companheiros também que pertenciam ao PC do B. Os da Convergência vieram e me abraçaram, os trotskistas todos. Só teve um grupo de trotskista que não gostou. Falou: “Esse quer ver o circo pegar fogo.” Eles achavam que a proposta do PT ia fazer o circo pegar fogo. E a gente pensando em organizar

os trabalhadores. Completamente diferente o negócio, não é. [ri] E o pessoal do Partidão não gostou muito não. E isso foi meio traumático, para rearrumar o quadro. Mas a diretoria, os três diretores, eles eram... o tesoureiro e o secretário abraçaram a proposta do PT. E isso nos fortaleceu bastante. E depois... Porque, é gozado, a gente não tinha a dimensão do que é que é um partido político. Eu, pelo menos, não tinha. Eu fiz essa discussão lá, essa proposta junto com os companheiros, mas eu não tinha a dimensão do que é que era um partido político. Você está pensando que fazer um partido político é fácil? É um negócio extremamente complicado. Você, para fazer um partido político, você tem que ter... Primeiro, quem vai escrever o estatuto? Ah! Mas o estatuto, a gente chega lá no... Tem um estatuto padrão.

A.F. – Padrão. Da Lei Orgânica.

W.B. – Mas precisa do manifesto. – Não. A gente pega um manifesto também. Pega um do PTB da vida aí. A gente achava que o negócio era desse porte. E não era bem isso.

M.M. – Wagner, deixa eu lhe perguntar uma coisa. Havia da parte de todos vocês um inexperiência digamos partidária...

W.B. – Exceto do Paulo Skromov. Porque os sete que ajudaram, que criaram o PT são: o Lula, o Paulo Skromov, o Jacob Bittar, o Olívio Dutra, o Eno Zamorina, o José Sicote e eu. São os setes, que foram chamados de marginais, traidores, da CIA. Porque os outros dirigentes sindicais saíram, correram, com medo. Parecia que a gente estava com o cão no couro, porque ninguém queria chegar perto da gente. Mas aí aconteceu um negócio bastante interessante. Que os grupos descobriram que as propostas de partido político deles jamais vingavam porque eles não tinham... a proposta deles era a partir de quadros; e a nossa proposta não, era um partido de massas extremamente democrático, que tudo fosse discutido em congresso. E isto... Para você ter ideia, quando nós propusemos o PT, teve um grupo de outras pessoas que vieram de fora, de companheiros intelectuais, que propuseram a gente ter o secretário-geral. Não era presidente do partido. Você entendeu? Nós temos que ter um secretário-geral. Mas por que secretário-geral? Para eles, é para se deixar a lista. Por que secretário? Não. Porque secretário-geral... Você vê a ONU? Queriam aparelhar o negócio. Porque com um presidente, você tem toda uma pirâmide, um vice-presidente, você tem, primeiro, segundo, e você tem uma pirâmide, que é de discussão ampla. Se você põe um secretário-geral, quem é o resto? É vice secretário-geral? Como que?... Num país que é extremamente presidencialista, como que você vai colocar secretário-geral? Então, essas

pequenas e grandes coisas, elas foram juntando. E você ia discutir com esses companheiros e você não sabia qual era a matiz dele. Tinha uns que ajudavam e outros que levavam... “Não. Mas olha bem. Você para fazer isso, você precisa”... Foi muito difícil. Mas nós tivemos grandes intelectuais que nos ajudaram, foram de uma... Por exemplo, o Perseu Abramo. Perseu Abramo, a Lélia, que era presidente do Sindicato dos Artistas, Lélia Abramo, nós tivemos também...

M.M. – Sérgio Buarque, não é.

W.B. – Sim! E aí, você vai nominando essas pessoas todas... Inclusive, ninguém pode esquecer o Weffort. Weffort foi uma pena a serviço da gente. E nós... Quando... Nós tivemos o primeiro deputado federal que nos acompanhou, que era do Rio de Janeiro. Edson Cair. Ninguém pode esquecer. Foi o único cara que teve coragem de juntar com os sindicalistas, falar: “Eu estou junto com vocês. E a minha proposta é igual à de vocês.” E não foi por oportunismo, porque ele continuava no MDB e estava eleito e reeleito. Ele sacrificou parte do mandato dele e nos acompanhou até o dia que ele pôde. Depois, aí não pôde mais. Porque o partido aí começa a tomar dimensão e começa a vir gente. E vai chegando gente, vai chegando militante, vai chegando estudante, vai chegando trabalhador, vai chegando religioso, vai chegando intelectual, vai chegando todo mundo. E quando nós descobrimos o negócio, tomamos um susto, nós falamos: puxa vida! E agora? O que é que nós vamos fazer com isso? Tem que dar uma direção. E o mais grave disso tudo é que nós não tínhamos documento nenhum. Quando chega em 79, aí nós reunimos. Não. Está todo mundo dizendo, que negócio é esse? Que partido é esse que não tem um papel? Ninguém sabe o que é que é. Aí nós aproveitamos o Primeiro de Maio e fizemos a carta de princípios do partido, que, se vocês já leram, é o documento mais atual do partido até hoje, é a carta de princípios.

M.M. – Mas eu queria lhe perguntar um coisa especificamente. De uma certa forma, o Paulo Skromov era um cara já velho de guerra.

W.B. – Não. Ele que deu... O direcionamento político do PT é do Paulo Skromov.

M.M. – O próprio Lula já estava... já tinha vindo de greves anteriores...

W.B. – A greve não politiza partidariamente, politiza sindicalmente.

M.M. – Pois é. Mas já eram lideranças políticas.

W.B. – Não é. A política partidária é diferente da política sindical.

M.M. – Tudo bem. Espera um pouquinho. Pelo que você falou aqui, até você ser candidato para presidente do Sindicato dos Petroleiros de Minas Gerais, a sua experiência política era quase nenhuma.

W.B. – Era só de eleição. De ajudar candidato.

M.M. – É. Você era interessado intelectualmente nas coisas de esquerda, mas você não tinha experiência nenhuma.

W.B. – Não. Eu não era de esquerda. Aliás, para ser preciso, eu nunca fui de esquerda e não sou de esquerda. Eu escrevo com as duas mãos; então não sei o que é que é de esquerda, o que é que é de direita, nem o que é de centro. Eu acho que você tem que ter uma posição política definida e que tenha os parâmetros exatos daonde você pode ir, daonde você pode não ir. Se eu for me rotular de esquerda... O que é que é esquerda? É você defender os trabalhadores? É você estar junto com a classe operária? É você estar junto com os trabalhadores do movimento dos sem terra, é você estar junto com o movimento dos sem casa? Isso é ser de esquerda? Se for isso, eu sou. Mas, sinceramente, eu não me rotulo e nunca me rotulei com esse tipo de ação. E nunca fui de grupo organizado.

M.M. – Mas, de qualquer maneira, você tinha pouca experiência política.

W.B. – Com certeza.

M.M. – E aí? Como é que foi essa coisa? De repente, você foi eleito presidente de um sindicato importante...

W.B. – Mas um sindicato com uma proposta política sindical. Não era proposta política partidária.

A.F. – Exatamente isso. Como é que você começa a ter acesso...

W.B. – Ah! Essa metamorfose.

M.M. – É. Não estou falando de partido. De repente você formou uma liderança.

W.B. – Essa mudança. Saí do casulo para virar borboleta.

M. M. - É. Independente de ser partido ou não ser partido. Mas você se torna um líder de uma categoria. Como é que foi isso?



W.B. – Exatamente. E aí você começa a descobrir o seguinte: que você não tem para-choque. Não tem para-choque. Você não tem a quem se dirigir. Quando nós fomos... Aí saí uma lei em 79, logo no começo de 79, proibindo fazer greve em empresa do governo. Aí nós – vamos para Brasília. O Lula chamou todo mundo para ir para Brasília. Vamos para lá? – Vamos embora. O ministro do Trabalho falou: “Se vocês forem, nós cassamos todos os mandatos.” O Lula com a equipe dele, tinha advogado e tudo, que era o dr. Maurício, conseguiu, saiu do sindicato. Mas nós não. Nós fomos com a cara e a coragem. E salve-se quem puder. E deu certo. Não fizeram nada com ninguém. Nós mostramos força. E lá nós descobrimos que nós só tínhamos dois deputados, era o Aurélio Perez e o Benedito Marcílio. Que eram os únicos caras que defendiam os trabalhadores. O resto... A proposta passou, o PMDB, uma parte votou a favor, outra não votou, e nós perdemos. Aí, lá mesmo, naquele dia também, nos reforçou a nossa posição de fazer o partido, de firmar posição no partido político.

A.F. – Pela falta dessa estrutura parlamentar, institucional que defendesse.

W.B. – Não tinha ninguém. É. E quando nós estamos razoavelmente organizados, o que é que acontece? Os parlamentares... Olha bem. Os parlamentares, os intelectuais convidaram os trabalhadores, os dirigentes sindicais para ter uma reunião em São Bernardo, aonde ia se fazer uma proposta de unidade. Unidade. Só que nós não sabíamos que eles tinham uma proposta de um tal de PP, Partido Popular, que eles queriam cooptar a gente, para a gente fazer parte desse grupo, e acabar com a proposta PT e passar para o tal do PP deles, que seria... não o PP de hoje, mas seria um PSDB da vida aí. Só que nós mantivemos. Nós ganhamos, e nos mantivemos com nosso projeto. Foi uma experiência interessantíssima. Foram dois dias com Fernando Henrique Cardoso, Almino Afonso e outros juntos também.

M.M. – É. Mas é uma história... É muito...

A.F. – É. Esse momento é fantástico. De repente você tem uma transformação... uma virada.

M.M. - Uma virada. Porque até tem pessoas que já vão numa militância. Mas você não era militante.

W.B. – Não era só eu não, hein. O único militante que tinha, político, seria o Skromov. E também não fazia parte de grupo. Ele era simpático a grupo. Ele deve ter falado para vocês disso.

M.M. – Claro. Olha só. Eu não vou poder completar a entrevista toda, mas você completa. Eu até vou tentar voltar. Mas o presidente da Fundação me chamou para resolver um problema aqui, complicado. Vou perder. Porque eu adoro. Acho que cada uma dessas histórias são verdadeiras, são histórias fascinantes.

A.F. – Não. Mas eu continuo.

M.M. - Eu vou dar uma saidinha. Espero que vocês ainda estejam aqui quando eu voltar. Mas se eu não voltar até você terminar, nós, depois, nos falamos. Porque, depois, esse material vai ser trabalhado e... De qualquer forma, eu quero...

W.B. – Nós paramos aonde? Lembra onde nós paramos?

A.F. – Nessa ida a Brasília. Que reforçou em você a importância de criar o partido.

W.B. – Isso, depois, você vai editar, não é?

A.F. – É. A gente vai fazer dois níveis de edição. Primeiro é mais para limpar, organizar e tal. A gente passa essa versão para você. A primeira vai ser longa. Se tiver alguma coisa que você acha incorreto, que acha melhor cortar e tal. E isso é que vai ficar no arquivo para consulta. Depois a gente vai fazer uma versão bem resumida, que são as vinte e cinco, para colocar no livro. Vamos seguir então. Você estava contando desse momento que vocês foram a Brasília. E esse já é um processo em que já está estabelecido o movimento pelo PT.

W.B. – Sim. Sim.

A.F. – Você já falou da carta de princípios, já falou...

W.B. – Do encontro de São Bernardo.

A.F. – Do encontro de São Bernardo, essa questão de resistir à proposta do PT. Como é que era a dinâmica desse momento? Você ia várias vezes a São Paulo, a São Bernardo, ou ficava mais em Minas mesmo?

W.B. – Eu participei muito pouco da organização do partido em Minas Gerais. Eu era um fomentador de... Ia, trazia, levava. Como se fosse um beija-flor trazendo água, aquela aguinha daquele beija-florzinho para aguar a plantinha de cá, e eu perdi boa parte da criação ou da organização do PT em Minas Gerais. Embora tenha sido da primeira diretoria executiva do PT, tanto a nível nacional como a nível estadual. Mas eu perdi muito.

A.F. – Fazia mais esse elo com...

W.B. – Porque o elo, eu estava muito mais preocupado na nacional, que junto com Jacob, nós fomos em vários estados ajudar a construir. Fomos no Espírito Santo, fomos no Acre, nós fomos cooptar o Chico Mendes lá. E lá eu conheci uma das mulheres mais fantásticas desse país, chamada Marina. Ela era uma jovem agradabilíssima, que o Chico Mendes... Eu vi ela muito rápido. Ela passou assim, Chico Mendes falou dela: “Essa aqui está fazendo o Artigo 99. (Um negócio desses.) Está estudando para ser professora.” Ela era uma juvenzinha. Não me lembro bem. Faz muito tempo, não é. Isso foi em 79. Mas o Chico, ele abraçou o PT como fosse a vida dele; e, a partir dali, aquela região toda foi contaminada pelo Chico. No Espírito Santo, nós conseguimos trazer o Buaiz, que era presidente do Sindicato dos Médicos. Foi uma muito boa. E junto com o Vitor (Buaiz) vieram muitas pessoas. O frei Beto também, estava morando nessa época no Espírito Santo, e o Beto é aquele... Beto é ar da gente, é água da gente, é vida da gente. Frei Beto, para o PT e para os dirigentes sindicais, ele representa um marco. O frei Beto traz para o PT uma coisa que a gente não consegue mensurar. Ele dá um tratamento à gente que é do PT... E (os) que não eram vieram, porque ele conseguiu cooptar ou trazer ou informar. Mas o Beto também ajudou muito na nossa formação política partidária. O Beto consegue transformar propostas religiosas em proposta política partidária. É impressionante a qualidade do frei Beto. E no tratamento que ele deu para nós. Não só ele. Assim como o Apolônio de Carvalho quando veio. Nós tivemos muita ajuda desse pessoal. Por exemplo, uma das emoções maiores na minha vida foi quando eu fui na casa de uma amiga minha nos anos de 80... 81. Eu não posso citar o nome dela porque eu não fui autorizado. Fui eu e o Jacob. E ela me chamou para entrar no quarto. Tinha um sujeito lendo um jornal – *Libération* - francês, não sei o nome direito, e ele estava lendo numa cadeira de balanço, e uma lâmpada, por cima dele assim, iluminando para ele ler. E a Maria, que eu não vou dizer o nome, abriu a porta e falou: “Tem uma visita para o senhor aqui.” Aí ele virou a cadeira, estava na cadeira de balanço, ele

virou, olhou para mim, falou assim: “Eu já conheço vocês de fotografia. Eu já conheço você também. Você e o outro. (O Jacob estava do meu lado) Você e o outro. Aquele barbudinho, não é. Vocês são indisciplinados. Mas vocês fizeram uma coisa que nós não conseguimos fazer, o máximo que nós conseguimos fazer foi o melhor partido de quadros desse país, mas jamais conseguimos fazer um partido de massa. E vocês estão conseguindo construir. Mas vocês são indisciplinados.” Aí ela falou: “Ele está muito cansado.” Aí eu falei: “Como o senhor quer que eu lhe chame, de Luís Carlos Prestes ou de Prestes?” “Pode chamar do jeito que você quiser.” Ele não estava bem-humorado. Aí eu saí, ele ficou lendo lá, ela falou: “Ele está muito... com asma, está muito doente”, esse negócio todo. Mas foi uma das coisas mais interessantes. Porque o camarada, parecia que ele tinha luz própria, sabe. A pele dele... Você já viu essa tinta fosforescente? Eu não sei se foi pelo ambiente que estava, pela luz e pelo meu choque térmico, que eu tive também, de encontrar um cara que é expressão mundial. Um cara... Pô. Eu jamais imaginei. Ela me fez uma surpresa. Foi uma surpresa tão grande que eu balancei, eu não sabia nem o que falar direito. Aliás, nem falei. A única coisa que eu fiz foi perguntar como queria que tratasse. Foram pessoas que eu conheci, de grande valor, e que, depois disso, eu passei a acompanhar a vida deles. Como Mário Pedrosa também. Foi um cara fantástico, que nos ajudou bastante na formação do PT. Ele passava os trabalhos dele para nós, a gente não entendia muito não, porque tinha muita filosofia pelo meio, mas... E... E esta foi a grande questão que a gente teve nesses...

A.F. – Nesse período também, em Minas, durante a tua gestão no sindicato, houve movimentos extremamente importantes de trabalhadores. Da construção civil, magistério. Como é que foi a relação de vocês do sindicato dos petroleiros e da comissão?

W.B. – É. O Sindicato dos Petroleiros passou a ser o municador de todos aqueles segmentos que estavam querendo se organizar e que não tinha aonde ir. Ora, nossa máquina tirava cópia para tudo, não é. Lá dentro do Sindicato dos Petroleiros foi que apareceu a maior liderança política de professores de Minas Gerais, que hoje é secretário do presidente da República, que é Luís Soares Dulci. Começou lá dentro, com a greve dos professores. Não tinha para onde ir, nós acolhemos lá. E no dia que a imprensa chegou – “Quem é a cara da greve?” -, ele, muito tímido - ele era muito tímido, mas era... – falou: “A cara da greve sou eu.” Quer dizer, então... foi um dos momentos mais bonitos que nós tivemos lá, foi a formação da UTE, União dos Trabalhadores do Ensino de Minas Gerais. Foi formado lá

dentro, dentro do Sindipetro. Foi formado não. Nós ajudamos no que pudemos para eles formarem. Que formou a UTE foram os professores. Mas nos demos ajuda, publicidade, ajudando até, às vezes, comprando papel para fazer boletim para eles. Foi um dos momentos. Outro momento marcante foi a greve da construção civil, que pela primeira vez a construção civil faz uma greve. E eu nunca tinha visto um grupo de trabalhadores piquete ambulante. Eles iam passando e iam levando o pessoal que estava nas outras obras, ia engrossando aquilo. No final, ficou um monte de gente, e não sabia para onde ir, teve um embate com a polícia, mataram um dos trabalhadores, o Oracílio; e nesse meio tempo, eu chamei o... reuni os dirigentes sindicais lá e falei para eles: “Olha, vou ligar para o Lula, para ele vir para cá.” O Arlindo Ramos junto comigo. Ligamos para o Jacob primeiro. Veio o Jacob, veio o Lula, veio o Sicote e o Skromov também. E nós conseguimos conversar com... O Arlindo Ramos, que era o presidente do Sindicato dos Bancários, era muito articulado, conversou com o governador, e abriram o estádio do Atlético; e lá, dentro do estádio do Atlético, nós colocamos os trabalhadores todos. O presidente do Sindicato da Construção Civil largou para lá. Mas só quem podia assinar o acordo era ele. Aí então, Jacob foi lá, pegou ele pela camisa e trouxe. E ele assinou o acordo coletivo. Ainda levou uns cascudos do Jacob. Jacob não fala nada não, mas o Jacob deu uns cascudos nele. [risos] O Lula ficou lá até a noite...

A.F. – Esse foi um momento muito tenso.

W.B. – Foi terrível. Porque foram três dias de luta ferrenha. Mas os trabalhadores venceram, o acordo foi assinado; e, além desse acordo, eles passaram a se organizar melhor. E depois teve outras greves, mas não foram tão traumáticas como foi a greve da construção civil. Durante o meu mandato, de 78 a 81, os petroleiros não fizeram greve, embora nós ameaçássemos; mas nós não tínhamos razão. Nós achávamos que fazer greve com petróleo era para derrubar governo, e não por causa de dez por cento de salário. Não tinha razão. Tanto isso foi verdade que, quando os petroleiros fizeram greve na década de oitenta, foram derrotados fragorosamente. E eu fui contra. Falava: gente, vocês não podem fazer greve. Não é fazer a greve. Você para fazer uma greve, você tem que ter razões. Você não pode... Uma categoria de qualidade, como eram os petroleiros, ela não podia se envolver numa greve por causa de percentual de salário. Eles não entendiam e não entenderam, até o dia que fizeram a greve e descobriram que não era por dinheiro, não era por melhores salários, não era por qualidade de trabalho. Era por que a greve? Era por causa de um percentual, sete por cento

ou oito por cento. Isso foi, na minha opinião, jogar, desmoralizar a categoria. E o próprio Jacob foi obrigado a fazer a greve também. Ele estava lá. E isso vem de encontra, em 1979, quando o Lula queria fazer o acordo, aquela parada de quarenta e cinco dias, o Jacob e o Skromov choraram em cima do palco: “Pô. Nós não podemos parar essa greve agora, porque essa greve é greve dos trabalhadores.” O Lula falou: “Jacob. Você quer fazer proposta? Faça para os petroleiros. No dia que você fizer greve com os petroleiros, aí você vai ver o que é uma greve de trabalhadores você sendo responsável.” E aconteceu. Logo depois que o Jacob... A greve dos petroleiros, para terminar, o Jacob subiu no palanque e pediu o quê? “Nós vamos terminar a greve porque ela já não tem mais razão de ser.” Naquele momento é que o Jacob sentiu o que é que é ser artista principal do filme e não ser coadjuvante, como ele era lá em São Bernardo.

A.F. – Greve é fácil de começar, às vezes, mas é difícil de acabar bem.

W.B. – Não. Você não sabe como é que vai acabar. E ela não é fácil de começar também não. Porque ela tem que ter... Uma greve que é bem feita, ela tem que ter começo, meio e fim. E você tem que ter o sentimento de que quando você já não tem mais jeito... É como se fosse uma guerra. Seus canhões estão todos emperrados, seus cavalos estão mortos, seus soldados estão fugindo, você tem que ter dignidade suficiente para dizer olha, nós vamos dar uma parada aqui e ver se tem jeito. Ou então vamos assinar o armistício. Infelizmente é assim. Eu gostaria... Eu sempre comparo o movimento e olho para os trezentos de Esparta. Leônidas mandou... Eles eram trezentos, tinham que atravessar lá as Termópilas. Do outro lado está um exército com milhares e milhares de soldados. O general Xerxes, sentado no trono dele lá, improvisado. Quando o cara que foi lá olhar do outro lado, que voltou para informar para o Leônidas, Leônidas falou assim... “Meu general... O camarada que foi lá, o batedor que ele mandou lá ver. “Meu general. São tantos que, se lançarem setas ou flechas ao mesmo tempo, cobrirá o sol.” O Leônidas: “Ótimo. Lutaremos à sombra.” Morreu todo mundo. Eu jamais... Me baseei muito nisso. Jamais! Não é covardia, não. É questão de... Pô. Eu não vou deixar uma categoria ir para uma aventura louca dessa, para mim depois fazer parte da História. Nunca faria isso. Nunca faria, nunca fiz e nunca faço. E acho que nunca vou fazer.

A.F. – Agora essa coisa do envolvimento maior, da solidariedade, da participação, de lideranças de uma categoria junto às outras, isso era uma novidade dessa conjuntura mesmo, não é? Porque até então...

W.B. – Não. Ela começa, a solidariedade começa... A sindical é uma coisa. Mas ela começa antes, quando os companheiros vão presos no sindicato e a gente... isso no Rio – a gente vai junto, os grupos...

A.F. – Sim. Mas eu digo assim, o envolvimento mais ativo, por exemplo, a interferência de uma categoria na greve de outra, de participar, de acompanhar, isso é de 78 em diante.

W.B. – Ah sim. Não. Isso aí aconteceu depois. É de 78 para frente.

A.F. – E isso também muda um pouco a...

W.B. – Ah! Muda a feição completamente. Não. O retrato muda completamente. Ele passa a ter um foco diferente. Ele não tem mais aquela coisa, uma categoria faz a greve e a outra fica assistindo. Houve uma solidariedade. Ela foi... Agora... gozado, ela não é programada não. Ela acontece naturalmente. Porque teve greves que não teve programação. Ela aconteceu. E, a partir daí, você teve que dar apoio a ela. O presidente do sindicato, às vezes, não participava disso, e você tinha que ajudar esses segmentos. E tinha outros presidentes de sindicato que era doido para fazer uma greve, e não conseguia. Chorava por uma greve. [ri]

A.F. – Bom. O teu mandato no sindicato vai de 78 a 81. E não há reeleição?

W.B. – Não. Aconteceu o seguinte. Eu fui indicado pela CLAT, Confederação Latino-Americana, em junho de 71 (81?), para ir à América Latina fazer um trabalho, que era de conversar com outros sindicatos de petróleo a nível latino-americano, que, pela primeira vez, a gente gostaria de conversar sobre a unidade latino-americana de trabalhadores. Isso era instinto. A CLAT chamou para fazer isso. E eu acho que a CLAT já tinha um estudo olhando que o mundo ia se globalizar. E ela provocou a gente. O Jacob foi para a Europa... O Jacob foi para a África, para a Ásia, o Lula foi para a Europa e eu fui para a América Latina fazer esse trabalho de conversar com os petroleiros. Fui na Venezuela, fui no Equador, fui na Colômbia, na Costa Rica. Aonde deu. Fui nuns doze países. Discutindo com o pessoal da área de combustíveis, para ver como a gente fazia uma discussão a nível sul-americano de

unidade, já prevendo que a globalização ia acontecer e nós íamos ser pegos desprevenidos. Este trabalho me levou muito tempo. E quando eu voltei, aqueles grupos que não ficaram satisfeitos com a nossa proposta político partidária... Eu fazendo um trabalho de PT a nível nacional e fazendo um trabalho sindical a nível sul-americano, eu não tive tempo, praticamente, de organizar chapa nenhuma. Eu achava que seria a coisa natural. Quando eu voltei, os meus companheiros falaram não, vamos fazer uma outra... “Você não quer mais participar, você está mais voltado para o PT. E... Eu achava bom você não participar mais.” Eu fui envolvido lá por outros companheiros, que tentaram mas... Foi uma das experiências das mais terríveis que eu tive. Mas saí de cabeça erguida. E continuo de cabeça erguida. E hoje, os companheiros estão todos no ostracismo, porque traíram, alguns deles traíram a categoria. Traição é muito forte. Mas deixaram de fazer aquilo que a categoria queria. E destroçaram o Sindicato dos Petroleiros; que hoje, é uma diretoria bastante interessante: horizontalizada. Eu não sei o que é que é isso. Mas ninguém manda e ninguém se responsabiliza. E como não tem responsável, acabou. E isto não é bom para o movimento sindical. Os grupos foram assumindo esses sindicatos, e o movimento sindical brasileiro hoje é completamente diferente da nossa proposta que era e completamente desunido: são várias centrais, cada uma com um tom colorido. E eu assisto de camarote tudo isso. Mas como tem uns que apoiam o PT, eu sou obrigado a conversar com eles, dialogar, mas não tenho um relacionamento fraterno, de camaradagem. Eu tenho com os meus companheiros do PT.

A.F. – E essa relação com a CLAT. Você já tinha esse contato antes?

W.B. – Não. A CLAT...

A.F. – É central católica, não é?

W.B. – É. Eles me provocaram porque eu tinha feito algumas discussões sobre questão partidária, não questão partidária. Eles não conversaram comigo sobre questão partidária, embora estivesse a maior efervescência do PT, o PT estivesse... Tinham acontecido vários encontros. Inclusive, o primeiro encontro do Partido dos Trabalhadores foi feito em Belo Horizonte também, institucional. Foi feito em Minas, no mês de junho, junho de 79. Foi feito em Minas. O primeiro encontro, onde se trouxe muita gente, foi feito lá. Isso está registrado. Tinha mais ou menos... Participaram duas mil e quinhentas pessoas. Aí o jornal falou que eu tinha convocado vinte e cinco mil. Um negócio complicado. Mas na realidade o sindicato não cabia nem três mil.



A.F. – Esse de João Monlevade?

W.B. – Não. Aquela história de João Monlevade é outra, que depois eu vou me reportar a ela. Então, o sindicato mesmo, de Contagem, Belo Horizonte e Contagem, e lá nós tivemos o primeiro encontro. Nessa intersindical de Minas Gerais, nós tínhamos vários companheiros que, quando eu cheguei, eles já eram dirigentes sindicais, como o Arlindo Ramos, o (Tídimo) Paiva, o Jaime, do sindicato dos... o Milton, do Sindicato dos Marceneiros, o Jaime, e outros. O João Silveira, que era o sindicato, e outros mais. E tinha o João Paulo Pires Vasconcelos, que era considerado a maior liderança sindical do estado, e não era presidente de sindicato. Um negócio bastante diferente, não é. Ele sempre foi... Ele nunca foi vanguarda do sindicato. Ele era vanguarda na militância. E lá, Monlevade, era onde estava o movimento sindical melhor organizado do estado. Monlevade sempre foi o berço do sindicalismo de qualidade. O João Paulo sempre deu um trato aos trabalhadores bem diferente dos demais. Mas o João Paulo não era do PT. E determinado momento ele teve que vir para o PT, três anos depois ou quatro anos depois que o PT... acho que foi já na Constituinte que ele veio. Ele veio porque ele ficou igual à galinha que choca ovo de pato. Já viu isso? Pega os patinhos todinhos, ela tomando conta, os patinhos caem n'água, ela fica do lado de cá, e aí tem que nadar, e como é que faz? Não sabe. E as bases do João Paulo vieram toda para o PT. E ele teve que vir. E com isso foi candidato a deputado federal, um dos melhores que Minas Gerais já teve. Guardando os demais também, que tem muito deputado bom. Mas João Paulo, ele tinha a visão política sindical e incorporou ela à política partidária e além da política partidária. Mas mesmo isso, depois, depois do mandato dele e do trabalho maravilhoso que ele fez, ele se afasta também. Eu não sei se ele teve dissabores lá na Câmara ou ele ficou triste com aquilo que ele viu. Eu sei que ele nunca mais militou, se afastou completamente. Mas Minas Gerais ainda sente, até hoje, esse afastamento do João Paulo.

A.F. – E na campanha de 82, você chegou a...

W.B. – Eu fui candidato a deputado federal.

A.F. – Federal. E essa campanha heroica, não é.

W.B. – Nossa. E mais interessante disso é que eu achava o seguinte. Nós fizemos um partido de trabalhadores, tudo que é trabalhador... Trabalhador só vota em trabalhador. Cara. E fomos para a rua. *Eu sou candidato a deputado federal... Porque o PT e...* Quando veio o

resultado, nós descobrimos que trabalhador vota em quem ele quiser, cara. Ele não é obrigado a votar. [ri] E gozado, ainda, é que naquela época aparecia só o retrato do cara na televisão, não é. *Wagner Benevides, ex-presidente do Sindicato dos Petroleiros, ex-presos*. Pô. A minha vizinha virou para mim: “Pô. Tu é ladrão de banco?” [risos] “Foi preso. Como é que eu vou votar em ladrão de banco?” [ri] Cara, que decepção! Mas... valeu. Nós elegemos Luís Soares Dulci e elegemos também o João Batista Mares Guia. O resultado foi bom. A experiência foi bastante interessante. Daí para frente, eu não me interessei mais, eu passei a voltar à militância e fazer o trabalho meu, que eu sempre fiz, junto com outros trabalhadores e junto com os pescadores. Eu comecei a me aproximar muito do trabalho dos pescadores amadores.

A.F. – Naquela época.

W.B. – Naquela época. Até hoje.

A.F. – E saindo do sindicato, sem ter mandato no sindicato nem mandato parlamentar, você continuava trabalhando?

W.B. – Aí nós fizemos uma ONG. Amigos do Rio São Francisco. E começamos a trabalhar.

A.F. – Isso já nos anos 80.

W.B. – Já. Anos oitenta e tanto já. Eu sempre estive participando de movimentos, mesmo depois que eu saí do sindicato.

A.F. – Quer dizer, você não voltou a trabalhar na empresa.

W.B. – Voltei a trabalhar na empresa. Voltei a trabalhar. Só saí em 86, quando me aposentei. Aí aconteceu um negócio. Ia ter eleição lá no Espírito Santo, do Vitor Buaiz, não é. Aí o Perli Cipriano, meu amigão, e mais outros companheiros me convidaram para ir para lá. Aí eu fui. Fizemos a campanha dele, foi ótima, ganhou. Mas eu não quis ir para o governo, não. Eles foram, eu não fui não. Magno Pires, meu amigo, foi o primeiro prefeito que teve lá em Vila Velha, que perdeu para o mosquito, mas se elegeu. [ri] E lá, foi bastante interessante esse tipo de trabalho. Mas as coisas que a gente mais sofreu na formação do PT, e mesmo depois, foi quando nós começamos a descobrir os grupos organizados que vieram para o PT e, lá no PT, eles ajudaram muito. Por exemplo, a Convergência ajudou muito a

fazer. Depois ela saiu, porque ela queria colocar os dogmas dela para dentro do PT, aí não dava mais para colocar, não é. Mas o jornal *Em Tempo*, os jornais, *O Trabalho, Trabalho* era da LIBELU. E o jornal dos bairros também, de Minas Gerais, que o redator e o dono do jornal era o Nilmário Miranda, junto com a categoria. Nilmário, um dos expoentes da política mineira, é um companheiro que tem a maior dignidade, sério. Ele, o Patrus, o Célio de Castro, que nunca foi do PT antes porque ele era do peceção. Aí depois, não teve jeito, ele teve que vir para o PT. E foi uma das grandes lideranças.

A.F. – Passou pelo PST e acabou no PT.

W.B. – É. E veio para o PT. Não teve jeito. Companheirão. Mesmo o Tídimo Paiva também, nunca foi do PT mas sempre nos ajudou. Nós temos lá milhares de outros companheiros que nos ajudaram e que nos ajudam ainda, até hoje. E aqueles que se incorporaram depois, vieram naturalmente. O maior problema que eu tive foi, nós fomos eleitos na primeira executiva provisória e depois fomos eleito no Colégio Sion, para a primeira executiva, trabalhar, não é. Mas aí aconteceu um negócio interessante. É que nós começamos a ver chegando muita gente para o partido, e composições diferentes, e alavancando o partido, fazendo... Nós pensávamos em núcleos, nuclear. Os caras “não, isso aí é muito burocrata. Nós temos que abrir esse partido. Tem que aceitar filiação de quem não é nucleado.” A nossa... Porque o Jacob sempre foi, achava que o núcleo, não é... Ele, baseado naquele Onze, do Brizola, ele achava que o núcleo é que respondia. E núcleo em tudo quanto era lugar. Nós chegamos a fazer. Mas depois nós descobrimos que isso aí era inviável. Como é que faz um camarada que é metalúrgico mas mora lá no bairro das Dores? Ele vai fazer parte do núcleo dos metalúrgicos ou do bairro dele? Então nós optamos por seguir a norma, a normalidade, seria colocar gerenciamentos ou as comunidades por zona, como é feito até hoje, e lá ter a representação zonal, que é muito melhor e é o que se faz hoje. E que o PT cresceu muito, e a gente começou, naquela época, a sentir essa diferença, que era o partido saindo da mão dos dirigentes sindicais. Era como se você tivesse massa... Tu já viu essa massa da gente fazer bonequinho? A gente vai pondo na mão e apertando, ela vai saindo por entre os dedos, e você não tem jeito de controlar. Aquilo foi traumático para mim. Eu vendo, falando - mas porra! Meu filho. É como se eu tivesse um filho de 19 anos, 18 anos e ele estava – oi velho, estou indo embora. E eu – pô. Mas e agora, como é que eu vou fazer? Mas foi... Depois, a gente foi entrando na real. E desses dirigentes sindicais todinhos nossos,

todos, só quem está em função hoje, é só o Lula, que é presidente da República. Os demais, todos eles estão olhando o partido de fora, sentindo as dores dessas confusões que aconteceram. Chorando, às vezes. Porque, puxa vida, será que com a gente teria acontecido isso? Só que nós perdemos a dimensão do partido. O partido, hoje, tem um milhão de filiados. Como que você vai descobrir quem é quem nesse milhão? O camarada vem como da igreja, como veio agora o Juvenil. Vem da igreja, com todo o perfil, se candidata a deputado federal, é o mais votado do estado de Minas, e de repente você descobre que não é bem aquilo. Aí os caras viram para você, os outros caras do PSDB, dos tucanada, “Isso é porque ele é juvenil. Imagina quando ele chegar a titular.” [risos]

A.F. – Eu já ouvi isso. [ri]

W.B. – Como é que você vai fazer com os companheiros nossos da direção do partido? Como você vai fazer? Da direção, que estava na mão de companheiros que a gente achava que estava tocando bem o partido, não estava. E aí? Você vai fazer o quê com esses caras? Será que o culpado também não fomos nós, que não estávamos lá presentes no dia-a-dia? Aí o cara vira: ‘Mas tu tinha dinheiro para ir para São Paulo? Tu podia estar... Tu entrava? Será que numa reunião de diretoria do Partido dos Trabalhadores tu entra para assistir? Tu esqueceu que agora tu é pedreiro Valdemar? Tu constrói o edifício, depois não pode entrar. Uma reunião da executiva do PT, eu entro? No encontro do PT, eu tive que pedir pelo amor de Deus para o cara me dar um papel de convidado. “Quem é você?” Está certo. O cara não sabe quem eu sou. Ele é novo. Ele está ali... “O senhor podia, por gentileza, chamar o coordenador? Quem é o coordenador?” “Ele não pode vir aqui, não, que ele está atendendo outras pessoas.” Aí eu olhei, estava o cara lá. Eu conhecia ele. Não me lembro o nome dele agora. Falei: “Ei! Olha, estou aí.” Falou: “Ô Benevides! Espera aí um pouquinho, Wagner Benevides.” Veio de lá... “É. Mas o senhor falou que não podia entrar ninguém.” O cara falou mesmo, não podia entrar. Como é que eu ia entrar? Ele é extremamente disciplinado. Então... O medo de ser pedreiro Valdemar continua. [ri]

A.F. – Você mencionou já essa questão da ONG, essa questão do São Francisco, que é o início da relação com essa questão que vai desembocar no trabalho da pesca.

W.B. – Não. Eu já nasci na beira do rio. Em Manaus, a gente pescava muito. Mas no rio... No mar, aqui no Rio, também, a gente ia pescar na beira. Mas quando chega em Minas, e eu chego em Minas em 61... em 68; a partir de 71 eu começo a conhecer o São Francisco.

São Francisco é um rio dos mais sedutores que você pode imaginar. Ele tem um feitiço, que ele faz com que você se envolva com ele. E ia pescar no São Francisco... Eu ia muito mais para o rio São Francisco, não ia nem pescar, eu ia para tomar umas cervejas e ficar olhando as margens. Eu tenho fotografia do São Francisco de tudo que é jeito. Eu naveguei no São Francisco, desde a nascente dele na serra da Canastra até Alagoas e Sergipe, que eu fiz questão de ir lá onde ele deságua para mim conhecer. Ele é um negócio maravilhoso. Nós fizemos uma ONG para ajudar. Nessa ONG, nós ajudamos a trabalhar. Mas depois, nós descobrimos o seguinte, que tinha uns companheiros na ONG que eram diferentes, sabe, eles não... O padrão deles era diferente do da gente. Mas a gente... Digo, olha, vamos sair e...

A.F. – E quais eram os projetos dessa ONG?

W.B. – Ela tinha como base... A ONG era Amigos do Rio São Francisco. Nós já falávamos em revitalização. Nós chegamos a plantar em torno de cinco mil árvores nas margens, árvore nativa; e levava blocos e blocos de semente, coletava semente de frutas e jogava nessas margens. Nós íamos pescar, e jogávamos nas margens aonde era terra firme, e lá, muita graviola, jenipapo, muitas árvores frutíferas. Eu não lembro agora todas. E houve um reflorestamento natural. Fora as árvores nativas que nós plantamos, da região. E essa foi uma parte da ONG, que eu participei muito. E depois, nós entregamos ela porque não tinha mais razão. Tinha outros projetos. E eu passei a trabalhar com os pescadores amadores também. A gente tinha uma federação – tinha não, tem uma federação dos pescadores amadores, que eu sou um dos sócios dela. E comecei a participar também e ajudei a organizar alguns torneios de pesca, “pesque e solte”, e apeixamento na barragem de Três Marias. Fizemos bastante trabalho nessa área. E que me, depois, me credenciou a ir para a Secretaria de Agricultura e Pesca. Que estou até hoje lá.

A.F. – Foi desde o início do governo? Desde que foi criada.

W.B. – Desde 2003. Eu estou desde 2003.

A.F. – Na Superintendência.

W.B. – É. Eu sou o chefe do escritório do estado de Minas Gerais, da Secretaria Especial de Agricultura e Pesca. E tem outros trabalhos, que a gente faz junto com piscicultores. Trabalho de apoio. E sempre levando a reboque a proposta política do PT. Eu nunca deixo de levar. Não cooptando, mas dizendo – aqui, olha, leva um

boletimzinho, um papelzinho do PT, um documentinho. Sempre levando e mostrando. Tanto isso é verdade que agora, nessas eleições que aconteceram, das vinte e cinco colônias nós ganhamos em vinte e três. O presidente Lula foi votado em vinte e três. E bem votado. E outras duas, nós perdemos, por questão de que não se pode ganhar tudo também, não é.

A.F. – E o que você destacaria dessa experiência, a experiência de ser parte do poder executivo federal, quer dizer, representar o governo federal numa área nova, que foi o próprio governo Lula que criou?

W.B. – É. O problema aí é o seguinte. Não sei se eu posso entrar no macro. Porque o Partido dos Trabalhadores, ele teve... foi entregue, algumas secretarias ou alguns ministérios foram entregues para segmentos do partido. E essa experiência não foi das melhores. Isto não quer dizer que o trabalho não foi bem feito. Foi relativamente bem feito. Poderia ter sido melhor se fosse mais heterogênea, não fosse tão homogêneo o grupo que assume o controle da entidade.

A.F. – (Depois você me diz ).

W.B. – E essa experiência para mim, ela não foi das melhores. Poderia, poderia ter sido melhor. Mas eu acho que vai dar para construir nesse segundo mandato, que termina agora, dia 31 de janeiro. Nós não sabemos ainda as reconduções como é que vão ser feitas. Meu mandato, ele pertence ao presidente da República, então, se ele quiser que eu fique, a gente fica. Se não, a gente abre espaço para novas pessoas, novas cabeças. O trabalho que a gente está fazendo é um trabalho que poderia ser melhor, eu já falei isso, mas a gente está apto a fazer isso.

A.F. – E em Minas, no escritório regional, nesses quatro anos, o que você considera os resultados mais importantes do trabalho?

W.B. - Foi começar a reestruturar o movimento sindical dos pescadores. Porque os trabalhadores da pesca, eles não têm sindicato, eles têm colônia de pescadores. E são extremamente feudais ainda. As direções não têm muito compromisso com o pessoal. E a gente está tentando, à medida do possível, ir discutindo com esses segmentos, que são completamente desorganizados, criando algumas novas lideranças, que venha melhorar o quadro desses trabalhadores. Os trabalhadores são muito explorados. Essas direções não têm compromisso com eles. A Federação dos Pescadores do Estado de Minas Gerais, ela também

não tem muita qualidade, ela é muito mais assistencialista do que propriamente defensora dos trabalhadores.

A.F. – Eu acho que é isso. Você quer acrescentar alguma coisa? Mas eu acho que a gente conseguiu fazer bem o roteiro, desde as origens até chegar à questão atual.

W.B. – É. Tem algumas questões ainda, que eu gostaria de pôr. Por exemplo, a visão que se passou a ter depois da eleição. Isso aí para nós, para mim, principalmente, e para um grupo de pessoas, nós nos preparamos para ser um partido político. Nós nunca tivemos a dimensão que nós podíamos assumir o governo. O poder, esse está ainda bem longe; mas nós não estávamos preparados, eu, por exemplo, e um segmento grande, de ganhar eleição. Nós éramos por excelência uma excepcional oposição e que dávamos a direção ao governo: olha, fazendo desse jeito é melhor. Às vezes o governo fazia um pedaço, mas não fazia todo, e o resultado era razoável. E quando nós ganhamos eleição, nós acordamos no outro dia como o menino que ganha um carro de pilha mas não tem pilha. E como é que vai fazer esse carro andar? Então... É mais ou menos essas coisas que a gente mensura e não sabe o que fazer com a coisa. E até você organizar aquilo ali é... é difícil, não é. E nós estamos com quatro anos, e continuamos organizando todo dia, e tendo trauma todo dia. Mas eu acredito que nós vamos ser vencedores. Eu acredito nisso, eu sonho com isso. Eu acho que o sonho não era possível, não, o sonho é possível.

A.F. – Está ótimo. Podemos encerrar aqui. Muito obrigado, Wagner, pela disposição, pela disponibilidade de estar nos dando a entrevista.

W.B. – Não sei se ficou bom.

A.F. – Não. Ficou ótimo, com certeza.

[FIM DO DEPOIMENTO]